

Convergências entre o GT “A mulher na literatura” e o projeto de resgate de Zahidé Muzart: redes colaborativas na pesquisa

Antonia Rosane Pereira Lima¹

Este texto tem como objetivo discutir as convergências entre o GT *A Mulher na Literatura*, da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística), e o projeto de resgate empreendido por Zahidé Lupinacci Muzart, que culminou com a publicação da coletânea *Escritoras brasileiras do século XIX*, em três volumes (2000, 2004 e 2009), dentre outros trabalhos.

Segundo consta no site² mantido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o GT *A Mulher na Literatura* teve sua criação em 1985 e surgiu com a intenção de se constituir como um fórum de discussão e desenvolvimento de estudos em torno do tema a mulher na literatura, a partir da reunião de pesquisadoras que buscavam terreno para estabelecer essa área de pesquisa voltada para a crítica feminista e os estudos de gênero, até então inexistente no âmbito acadêmico brasileiro.

Susana Bornéo Funck, em entrevista a Anselmo Peres Alós para a revista *Letras* (2019, p. 385), afirma que, quando iniciou sua carreira docente, na UFSC, “não havia na área de Letras nenhum interesse visível no que então era chamado “a questão da mulher””, assim como o Feminismo não possuía lugar de existir na academia.

A professora relata sua contribuição para a criação do GT *A Mulher na Literatura*, cuja ideia lhe surgiu logo no I Encontro da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), ocorrido em Curitiba, em 1986 – aqui vemos que há divergência entre o site do GT e a afirmação de sua idealizadora, quanto ao ano de sua criação, mas Constância Lima Duarte (1994) e Heloisa Buarque de Hollanda (1993) ratificam o ano de 1986 como o de criação do GT. As discussões iniciais giravam em torno das temáticas representação e resgate, mas outros agenciamentos se fizeram necessários para o andamento das pesquisas, como “novas correntes do pensamento feminista, como o conceito de gênero, a teoria *queer*, a interseccionalidade, as teorias decoloniais”, conforme Funck (2019, p. 386).

Pelo volume de participação em eventos nacionais e internacionais, bem como de diversas publicações, o GT *A Mulher na Literatura* foi responsável por consolidar os

¹ Doutoranda em Literatura e Cultura, pela Universidade Federal da Bahia; Mestra em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Feira de Santana; Professora da Rede Pública de Educação do Estado da Bahia.

² Disponível em: <https://www.mulherinaliteratura.ufsc.br/index.html>.

estudos sobre mulher e literatura no Brasil (Funck, 2019). Além disso, contribuiu para a concretização do projeto empreendido por Zahidé Muzart, como veremos a seguir.

Hollanda (1993) ratifica a informação acerca do surgimento do tema “mulher” no âmbito da pesquisa acadêmica, em meados dos anos 70 do século XX, graças à emergência de tal corrente teórico feminista na Europa e nos Estados Unidos, na década anterior. De acordo com a autora, os estudos sobre a mulher na literatura se constituíram como campo de investigação e obteve reconhecimento institucional quando ocorreu o “Seminário Regional sobre a Mulher na Literatura”, em 1985, na Universidade Federal de Santa Catarina, que, posteriormente, passou a ser chamado de “Seminário Nacional Mulher e Literatura”, sendo realizado a cada dois anos e sediado em distintas universidades, após a criação do GT *A mulher na literatura*, conforme menciona Schmidt (2017). Posteriormente, surgiram outros encontros com a mesma temática.

Em 1986, por sugestão de Suzana Funck (UFSC), foi criado o Grupo de Trabalho Mulher na Literatura da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística), considerado o maior aglutinador de pesquisadores sobre a mulher na área. Em 1987, em sua primeira reunião, o GT já conta com cerca de 20 inscritos, número que cresce para 50 e 98 nos dois anos seguintes (Hollanda, 1993, p. 28).

Conforme enfatiza Hollanda, os estudos sobre mulher e literatura, posteriores à criação do GT acima mencionado, demonstraram a crescente valorização e ampliação da temática, provando que essa seria uma área a se consolidar na academia. Segundo ela, “[...] o estudo da “literatura feita por mulheres” traz, como consequência, inevitáveis questionamentos de base sobre a construção da historiografia literária, sobre a noção canônica de “gênero literário” e dos paradigmas estabelecidos para o mercado de valor literário” (Hollanda, 1993, p. 30).

Nesse sentido, entendemos que a quebra de paradigmas relacionados à presença da mulher na literatura, a (des)legitimação de sua produção, das temáticas discutidas pelas escritoras ou do gênero que escreviam se dá a partir do momento em que se insere, na seara acadêmica, os estudos de gênero, implantados por professoras que possuíam preparo suficiente para, não apenas implementar tal campo de estudo, como também defender uma nova perspectiva de pesquisa historiográfica.

Rita Terezinha Schmidt menciona, na introdução do seu livro *Descentramentos/Convergências: ensaios de crítica feminista* (2017), a criação do GT *A mulher na literatura* e afirma que a introdução de tal temática no âmbito dos estudos

literários sofreu resistências, não tão grandes pelo fato de já haver, na época, docentes, em diferentes instituições, “com as credenciais necessárias para sustentar a legitimidade de pesquisas direcionadas às questões de gênero” (Schmidt, 2017, p. 22). Apesar disso, tal introdução não foi bem aceita por boa parte de alguns acadêmicos, que julgavam a inclusão do termo “feminismo”, nos estudos literários, um desrespeito. Estes, queriam que a literatura permanecesse sendo vista apenas do ponto de vista estético, sem levar em conta a carga política que o texto literário carrega em sua estrutura. Sobre essa questão, é possível observar que tais intelectuais possuíam motivos para criticar tal modificação, isto é, eles precisavam manter seu poder sobre a gestão do conhecimento produzido nas instituições, haja vista que eles queriam permanecer ditando as regras do saber literário, avaliando o que seria ou não objeto de estudo. A chegada das pesquisas sobre gênero quebrou a pretensa historiografia baseada no texto literário como fruição estética apenas.

As pesquisas de resgate dos escritos do passado abriram perspectivas para a reorganização de conhecimentos que até então tínhamos da historiografia literária brasileira e firmaram nossa consciência de fazer parte de uma corrente acadêmica transnacional cuja existência muitos colegas brasileiros queriam ignorar, a despeito do reconhecimento de teóricos renomados, como por exemplo Jonathan Culler (Schmidt, 2017, p. 25).

Segundo Schmidt, Jonathan Culler comemorou a chegada da crítica feminista como uma força impulsionadora da renovação na crítica literária contemporânea. Logo, mesmo em meio à insatisfação de alguns, tal corrente teórica contou com o apoio de críticos renomados, provando que os estudos feitos por/sobre mulheres tinham alcançado seu lugar e vieram para se estabelecer como campo de pesquisa.

Ainda discutindo acerca do conceito de literatura proposto pelos intelectuais contemporâneos às teóricas aqui retratadas (aquelas que se propuseram a inserir a escrita de mulheres no meio acadêmico), Schmidt critica a concepção de literário dada apenas ao texto cujo valor estético seja aceito como fator de literariedade. Conforme afirma, “Fora do âmbito de textos e teorias específicas, pode-se dizer que a crítica literária de orientação esteticista contribui, de modo geral, para a marginalização do feminino em nível de interpretação e valoração do literário” (Schmidt, 2017, p. 57).

Isso porque, ao se definir a literatura como um fazer artístico puramente estético, põe-se em jogo os critérios estabelecidos para tal, como os temas considerados belos e sofisticados, o estilo, o gênero literário, etc. E nisso impõe-se uma barreira que separa

os textos escritos por intelectuais que escrevem sobre as complexas relações entre os seres humanos, entre estes e a natureza, dentre outros. Ao passo que as mulheres, em se tratando daquelas do passado, por terem acesso a uma instrução mais restrita que os homens, voltada para a administração doméstica e a maternidade, sem explorar leituras diversas³, na maioria das vezes, possuíam uma bagagem cultural em desvantagem em relação aos homens. Ou, quando tinham acesso a leituras não muito comuns para as mulheres, elas se adequavam ao que era “permitido” a elas escreverem e até publicavam textos utilizando pseudônimos, com o intuito de não sofrerem retaliações da família ou da sociedade. Logo, definir o literário pela linguagem e temática abordada nos textos é uma maneira de excluir aquelas que ousavam adentrar no espaço da escrita, em detrimento de todos os percalços.

Ao pesquisar sobre mulheres do passado e a escrita, percebemos um grande número delas que publicaram textos em jornais ou, antes disso, já escreviam poemas, mesmo sem intenção de torná-los público. Não é recente essa descoberta. Há muitos anos já existia mulheres escritoras, mas a História as silenciou. Segundo Schmidt (2017, 9. 58), “Leis e costumes, a socialização e o fardo da inferioridade foram responsáveis pelos longos intervalos entre o silêncio e a criatividade, cujo exercício, frequentemente, foi uma árdua conquista no segredo dos quartos e no anonimato da domesticidade”.

Foi com a intenção de publicizar esses registros que Zahidé Muzart criou um projeto de resgate de escritoras do passado, tendo como marco temporal, o século XIX, mas não apenas este. No final da segunda metade do século XX, a então professora universitária Muzart, ao propor uma disciplina que contemplasse escritoras brasileiras, na Universidade Federal de Santa Catarina, notou que havia significativa ausência de informações, bem como publicações dessas autoras.

A fim de resolver esse hiato, a pesquisadora, em parceria com Rita Schmidt e Eliane Vasconcellos, após um encontro que tiveram no GT *A mulher na literatura*, decidiu coordenar um projeto de resgate de escritoras do passado. Outras estudosas juntaram-se a elas nesse empreendimento, que resultou, dentre outras ações, na publicação da coletânea de artigos e inserção de textos literários das autoras, intitulada

³ Algumas mulheres conseguiram transpor as barreiras que lhes eram impostas e alcançaram certa educação mais elevada, comparada com aquela que era destinada às mulheres ao longo do século XIX e anteriormente a esse período. Estas, conseguiam explorar temas menos comuns ao gênero feminino, bem como se arriscavam em gêneros literários mais complexos, merecendo, não raras vezes, elogios de intelectuais renomados, seus contemporâneos.

Escritoras brasileiras do século XIX, reunidos em três volumes (1999⁴, 2004 e 2009) (Muzart, 1999).

A coletânea teve um importante impacto no alargamento de estudos sobre gênero e resgate de autoras do passado. Sua idealizadora, Zahidé Muzart (1999), descreve o processo de desenvolvimento desse trabalho, que contou com o apoio do CNPq e a colaboração de diversas instituições brasileiras.

O GT representou um enorme aliado na concretização desse projeto de resgate de escritoras do passado. Na verdade, os encontros realizados por ocasião da reunião de seus membros foram fundamentais para o andamento das pesquisas ao redor do país. De acordo com Muzart (1999), o GT foi o elo entre as pesquisadoras, porque, como as participantes do referido projeto eram oriundas de diversas regiões do país e não possuíam recursos para os deslocamentos, as reuniões ocorriam durante a participação delas em congressos de literatura e eventos do GT, ao tempo que realizavam discussões de cunho metodológico. Nesses encontros, trocavam artigos que tivessem produzidos sobre as escritoras localizadas, bem como informações biográficas e literárias sobre elas. Enfim, disseminavam suas descobertas entre todas, possibilitando uma discussão coletiva, que fez a obra se tornar tão rica e bem elaborada (Lima, 2019).

É perceptível que o empreendimento de Muzart alcançou êxito e foi fundamental para o desenvolvimento de pesquisas sobre a temática, posteriores a esse trabalho coletivo de resgate. Porém, um dos feitos mais notáveis, resultantes do esforço em fazer jus ao esforço de tantas mulheres, ao quebrar barreiras impostas contra sua intelectualização, foi a criação da Editora Mulheres⁵, em 1995, como afirma Risolet Hellmann (2017). O objetivo da editora, segundo Muzart (1999, p. 790), era a realização do “resgate de obras de escritoras do passado”. Graças a esse feito, tornou-se possível a reedição de obras das escritoras pesquisadas, já que elas não se encontravam disponíveis em livrarias ou mesmo em sebos, a exemplo do que é citado a seguir:

Já publicamos o livro de biografias de Ignez Sabino, *Mulheres Ilustres do Brasil*, o romance *A Silveirinha*, de Júlia Lopes de Almeida com introdução de Sylvia Paixão, a primeira edição em português do livro de ensaios de Nísia Floresta, *Cintilações de uma alma brasileira*, editado em Florença em 1859, com pesquisa e introdução de Constância Lima Duarte, a reedição do pequeno romance da catarinense Ana Luisa de Azevedo Castro, e 1859. Essa

⁴ Utilizamos, aqui, a segunda edição, publicada no ano seguinte à primeira, 2000.

⁵ A editora foi extremamente importante para a consolidação da produção literária feminina, principalmente aquela produzida no século XIX. Porém, hoje já não está mais em funcionamento, em virtude do falecimento de sua fundadora e da venda de seu acervo pelos herdeiros, destruindo um trabalho de anos com o qual Muzart dedicou seus últimos anos.

aventura editorial projeta, para 1998, a reedição de *Lésbia* de Maria Benedita Bormann, com introdução de Norma Telles, a reedição de Rita Barém, uma poetisa gaúcha, com introdução de Rita Schmidt e mais três romances das escritoras Carmen Dolores, Inês Sabino e Júlia Lopes de Almeida (Muzart, 1999, p. 790).

A reedição dessas obras tornou possível o conhecimento e a realização de estudos sobre as produções de tantas escritoras do passado, que foram alijadas da historiografia literária por serem mulheres, por desafiarem a constituição da intelectualidade da época e as normas de enclausuramento ao ambiente doméstico que lhes eram impostas, dentre outros fatores.

Por isso, Muzart (2000) vai nos dizer que sua intenção com o projeto de resgate de autoras e seus escritos foi a de “mostrar que, apesar da ausência desses nomes [...], elas existiram e foram atuantes, a seu modo, em sua época” (Muzart, 2000, p. 19). Logo, também “teve, como finalidade, fazer a circulação dessas produções nos dias atuais, de modo que a ideia de ausência feminina nas letras brasileiras do século XIX fosse dissipada, conforme relata a própria pesquisadora” (Lima, 2019, p. 87).

Além disso, Muzart também questionava a constituição do cânone e sua consequente exclusão da literatura de autoria feminina, considerada, por muito tempo, uma produção menor, de pouco valor artístico. Sendo este um dos motivos de os escritos de tantas mulheres terem permanecido no limbo.

Como acentua Rita Schmidt, a nossa investigação “implica, igualmente, em levantar questionamentos de ordem teórica com relação a conceitos tradicionalmente aceitos e considerados inatacáveis no âmbito dos estudos literários”, um passo importante deste projeto foi a discussão de textos teóricos e críticos. Mas, além das publicações mais recentes de cunho teórico, estivemos procedendo a um resgate da crítica da época, que discutimos em uma introdução que procura contextualizar a produção feminina do século XIX e discutir a questão do cânone e, sobretudo, tenta estudar uma questão importante como o conceito de valor estético, reivindicando, a partir de análises comparativas, a visibilidade da mulher do século XIX na historiografia literária de nossos dias, objetivo importante da pesquisa (Muzart, 1999, p. 790).

Apesar de publicado há mais de três décadas, o pensamento de Constância Lima Duarte, a seguir transcrito, ainda diz muito sobre os estudos que buscam trazer luz à produção literária das mulheres do passado, tendo em vista que, mesmo com tantas pesquisas realizadas nesse campo, há muito ainda a ser feito para preservar tal legado.

O trabalho de resgate de escritoras que começa a ser feito, não deve pretender apenas se constituir num arrolamento das “esquecidas”, mas sim permitir o

conhecimento das tradições literárias das mulheres, o percurso, as dificuldades e mesmo as estratégias utilizadas para romper o confinamento cultural em que se encontravam. (Duarte, 1990, p. 76-7)

Estudos de resgate ainda se fazem necessários nos dias de hoje, porque muitas das escritoras constantes nos trabalhos desenvolvidos pelas pesquisadoras do grupo de Zahidé Muzart ainda não tiveram seu lugar reconhecido na historiografia literária, assim como ainda há muitas outras a serem descobertas.

REFERÊNCIAS

Alós, Anselmo Peres. “A distopia de ontem é a realidade de hoje”: uma entrevista com Susana Bornéo Funck. *Letras*, Santa Maria, v. 29, n. 59, p. 385-402, jul./dez. 2019.

Duarte, Constância Lima. Literatura feminina e crítica literária. In: GAZOLLA, Ana Lúcia Almeida (Org.). *A mulher na literatura*. vol. I. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990, p. 70-85.

Duarte, Constância Lima. (1994). GT: A Mulher na Literatura: História e Perspectiva. *Revista Da Anpoll*, 1(1), Doi: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i1.218>.

Hellmann, Risolette Maria. Crítica literária feminista: o legado de Zahidé Muzart. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13º Women's Worlds Congress* (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: <http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499448124_ARQUIVO_RISOLETEMARIAHELLMANN.pdf>. Acesso em: 20 de out. de 2020.

Hollanda, Heloisa Buarque de. O que querem os dicionários? In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de; ARAUJO, Lucia Nascimento. *Ensaístas brasileiras*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 13-34.

Lima, Antonia Rosane Pereira Lima. “Mulheres Ilustres do Brasil”, de Ignez Sabino, e sua ressonância em dicionários de autoria feminina nos séculos XX e XXI. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2019.

Muzart, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*: antologia. vol. III. Florianópolis: Editora Mulheres: CNPq, 2009.

Muzart, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*: antologia. vol. II. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

Muzart, Zahidé Lupinacci. Pedantes e *bas-bleus*: história de uma pesquisa. In: Muzart, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*: antologia. 2. ed. rev., vol. I. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 17-29.

Muzart, Zahidé Lupinacci. Mulheres do século XIX: história de um projeto. *In*: Reis, Livia de Freitas; VIANNA, Lucia Helena; PORTO, Maria Bernadette (Org.). *Mulher e literatura*. Niterói, RJ: EdUFF, 1999, p. 788-791.

Muzart, Zahidé Lupinacci. O romance feminino no Brasil – Século XIX. *In*: DUARTE, Constância Lima (Org.). *Boletim no GT: A mulher na literatura* nº 6. UFRN: CCHLA/PPGEL, 1996, p. 287-303.

Schmidt, Rita Terezinha. Na literatura, mulheres que reescrevem a nação. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Algumas histórias sobre o feminismo no Brasil* (Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

Schmidt, Rita Terezinha. *Descentramentos/Convergências*: ensaios de crítica feminista. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.